

ESTADO DE MINAS

RSS | CENTRAL DO ASSINANTE EM | ASSINE UAI | ANUNCIE

1º CADERNO

- Economia
- EM Cultura
- Esportes
- Gerais
- Internacional
- Nacional
- Opinião
- Política
- SUPLEMENTOS**
- Agropecuário
- Bem Viver
- Ciência
- D+
- Direito & Justiça
- Emprego
- Especial
- Feminino & Masculino
- Guia de Gastronomia
- Guia de Negócios
- Guriândia
- Imóveis
- Informática
- Pensar
- Prazer EM Ajudar
- Turismo
- TV
- Veículos
- SERVIÇOS**
- Assine o EM
- Assine o Uai
- Central do Assinante EM
- Central do Assinante Uai
- Classificados
- Edições Passadas
- EM Digital
- Nota Fiscal
- Webmail

GERAIS
PATRIMÔNIO

Segunda-feira, 31 de dezembro de 2007

NOTÍCIAS

História gravada no chão de pedra

Ruína do século 18 encontrada por arqueólogos em Ouro Preto vai enriquecer estudos sobre a ocupação da antiga Vila Rica

Gustavo Werneck

Ouro Preto – O Centro Histórico da antiga Vila Rica guarda tesouros arqueológicos que começam a vir à tona para surpreender os pesquisadores e encantar moradores e visitantes. Durante execução de projeto paisagístico no quintal da Casa da Baronesa, construção do século 19 que abriga escritórios do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e do Programa Monumenta, a equipe responsável encontrou estruturas de pedra que remontam aos primórdios da cidade. "Todo mundo conhece Ouro Preto pelos seus casarões e monumentos edificadas no século 19. O que encontramos, numa profundidade de 50cm a dois metros, são ruínas do início do século 18, alicerces da primeira Santa Casa. Nessa época, a Praça Tiradentes não existia. No lugar, havia apenas o Morro de Santa Quitéria", informa a arqueóloga Alenice Baeta, da empresa encarregada das escavações.

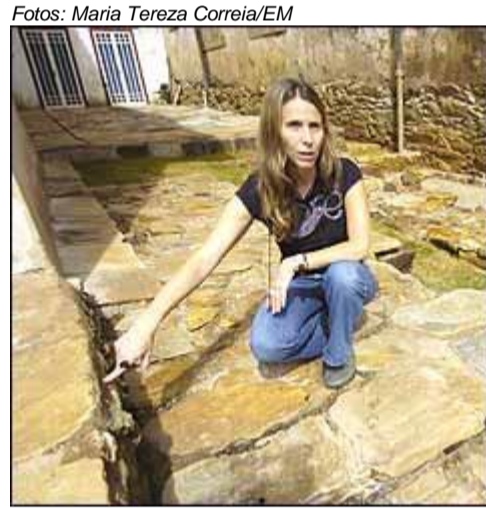


Antes das escavações, o quintal da Casa da Baronesa estava coberto por pedregulhos

Os serviços começaram em agosto, quando a área nos fundos do imponente sobrado – no imóvel, restaurado em 2003, moraram a baronesa Maria Leonor Felícia de Rosa e depois, por volta de 1860, o senador do império Manoel Teixeira de Souza – era um enorme matagal, sem qualquer indício de que, debaixo de toneladas de entulho e vegetação, ficava parte importante da memória de Ouro Preto. "Tiramos 20 caçambas de material do terreno. Não imaginava que fôssemos encontrar tudo isso. Os quintais sofreram muitas intervenções ao longo de três séculos e se encontram desfigurados. Por sorte, as estruturas não foram mexidas, pois os construtores só refizeram o piso", explica Alenice, que, ao lado do arqueólogo Henrique Piló, ambos da empresa Artefacto, tratou logo de dar visibilidade à descoberta.

Passado o impacto inicial, ficou a necessidade de mostrar tanta beleza à comunidade e a quem visita a cidade, que é Patrimônio Cultural da Humanidade desde 1980, título concedido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco). "Essa é a nossa mini-Pompeia. Temos aqui as mais verdadeiras ruínas do povo mineiro. Conseguimos despoluir o local e recuperar a paisagem cultural", entusiasma-se Alenice, ao olhar as muretas baixas formadas por quartzito e canga de minério e comparar o achado à antiga cidade do Império Romano destruída, no ano 79 d.C., durante erupção do vulcão Vesúvio. Pompeia ficou sepultada durante 1.600 anos, até ser reencontrada, por acaso, no século 16.

Já com a revitalização do quintal concluída, a próxima etapa será abrir o terreno à visitação pública e aos programas de educação patrimonial. "Para tanto, será construída uma passarela de metal leve, de forma que as pessoas circulem e admirem o patrimônio, sem danificá-lo, orientados por placas de sinalização", informa a arquiteta Vanessa Braide, autora do projeto de paisagismo na área de cerca de 500 metros quadrados, em declive, com fundos para o Beco da Câmara ou do Pilão. Durante as escavações, foram coletados pedaços de louça, vidros de perfumes, cravos, fragmentos de cerâmica vitrificada, conhecida como Saramenha, e a popular, chamada cabocla, metais e outros materiais que vão ficar em exposição, depois de limpos e catalogados. A expectativa é de que tudo esteja pronto ainda no primeiro semestre do ano que vem.



A arqueóloga Alenice Baeta mostra o mesmo local, onde foram achadas as muretas antigas

MUDANÇA DE CONCEITO Durante as escavações, também foram desenterradas peças maiores, de pedra de cantaria, imediatamente incorporadas ao projeto de paisagismo. Assim, na parte de baixo do terreno, que teve muros de arrimo reconstituídos e mantida uma canaleta do século 19, Vanessa montou criativos bancos de ripas de madeiras, que têm, como sustentação, vergas em forma de arco, que eram usadas sobre janelas, provavelmente pertencentes à fachada do fórum, prédio vizinho que pegou fogo em 1940.



Henrique Piló e Alenice tentam montar o quebra-cabeça com as peças recolhidas no jardim

A descoberta das estruturas poderá nortear novas pesquisas sobre Ouro Preto, acredita Alenice: "Temos uma mudança de conceito. Antes, só se valorizavam os grandes casarões, o que estava acima do solo, em detrimento da base. Por isso, é importante o trabalho arqueológico, para que se entenda a ocupação residencial e comercial, a orientação dos espaços e a evolução da cidade. Enfim, a nossa história."

Veja mais

Novos museus

- 2008
- Explosão de paz
- CALOR
- Dias de sol e diversão
- VIOLENCIA
- Dois mortos em rodovia
- NAMORADOS
- Mistério na morte de casal
- BARREIRO
- Crime no meio da rua
- O TEMPO HOJE
- Para minas gerais
- SEGUNDA, 31/12/2007
- Agenda